

O Novo  
Bestseller  
Internacional

K.  
Brønberg

Dominada

QUANDO O DESEJO É IMPETUOSO,  
A QUÍMICA TORNA-SE EXPLOSIVA.



TOPSELLER

# CAPÍTULO 1

Suspiro com o silêncio bem-vindo, agradecida pela oportunidade de fugir — mesmo que apenas por um instante — da exaustão de conversas sem sentido do outro lado da porta. Para todos os efeitos, as pessoas que tinham estas conversas eram meus convidados, mas isso não queria dizer que gostasse, ou sequer me sentisse confortável perto deles. Felizmente, Dane foi compreensivo o suficiente para com a minha necessidade de evasão, deixando-me fazer esta tarefa por ele.

O bater dos saltos altos é o único som que acompanha os meus pensamentos categoricamente difusos, enquanto navego pelos corredores vazios, atrás dos bastidores do velho teatro que aluguei para o evento da noite. Rapidamente chego ao antigo camarim e apanho as listas de que Dane se esqueceu, no meio da corrida caótica pré-festa para deixarmos tudo limpo. Ao voltar, faço a lista de verificação mental para o leilão do «encontro amoroso», o momento mais aguardado da noite. A preocupação que lateja bem no fundo da minha cabeça diz-me que estou a esquecer-me de alguma coisa. Instintivamente, alcancei a anca, onde esperava encontrar o meu telemóvel com a lista de tarefas sempre pronta, mas, em vez disso, acho uma mão cheia de organza de seda da cor de cobre do meu vestido de cerimónia.

— *Porra* — resmungo para mim mesma enquanto paro por instantes a tentar perceber exatamente o que me estava a escapar. Inclino-me contra a parede, o corpete com pregas impede-me de respirar fundo com a frustração. Apesar de ser fantástico, o raio do vestido devia vir com um aviso: respirar é um extra.

*Pensa, Rylee, pensa!* Com as omoplatas contra a parede, balançava deselegantemente para a frente e para trás para tentar aliviar a pressão

nos meus dedos, que estavam dolorosamente comprimidos devido aos saltos de dez centímetros.

*Tabuletas para o leilão! Preciso das tabuletas.* De sorriso rasgado pela capacidade do meu cérebro se ter lembrado, tendo em conta que tenho estado tão sobrecarregada ultimamente por ser a única coordenadora do evento de hoje. Aliviada, desencostei-me da parede e dei uns dez passos.

E foi aí que os ouvi.

As flutuações de risadinhas sedutoras femininas que atravessavam o ar, seguidas por um timbre forte de um gemido masculino. Congelei instantaneamente, chocada pela ousadia dos nossos participantes da festa, quando ouvi o som inconfundível de um fecho-éclair, seguido de um suspiro feminino ofegante, mas *familiar* de — *Oh! Sim!* — num recanto escuro, alguns metros à minha frente. Enquanto os meus olhos se adaptam às sombras, apercebo-me do casaco de um fato de smoking atirado negligentemente para uma cadeira antiga que, devido a um empurrão, ficara inclinada, e um par de sapatos altos de fivela por baixo, lançados ao acaso.

*Não há dinheiro suficiente no mundo que me pagasse para fazer aquilo em público.* Os meus pensamentos são interrompidos quando oiço um suspiro longo seguido por um — *Oh, meu Deus!* — murmurado e masculino.

Fecho os olhos com força num momento de indecisão. Preciso mesmo das tabuletas para o leilão que estão no armário da despensa no final do corredor. Infelizmente, a única forma de chegar ao corredor é passando pelo recanto da Avenida dos Amantes. Não tinha outra hipótese senão avançar. Murmurei uma oração silenciosa, mas ainda assim absurda, na esperança de me esgueirar sem que ninguém desse por mim.

Avancei rapidamente, mantendo o meu rosto corado virado para a parede oposta ao casal, enquanto andava na ponta dos dedos para evitar que os saltos batessem no chão de madeira. A última coisa de que precisava agora era de chamar atenção sobre mim mesma e deparar-me frente a frente com alguém que conhecesse. Respirei silenciosamente de alívio por ver que o meu malabarismo clandestino tinha sido bem-sucedido.

Ainda estou a tentar identificar a voz feminina quando chego ao armário da despensa. Tateio desajeitadamente a maçaneta, tendo de a agarrar agressivamente antes de a escancarar com força, por fim, e acender a luz. Ao entrar, esquecendo-me de abrir a porta por completo, vejo o saco com as tabuletas para o leilão na prateleira mais alta. Ao apanhar as tabuletas do saco, a porta fecha-se nas minhas costas com tal força que as estantes baratas do armário abanam. Assustada, viro-me para voltar a abrir a porta e reparo que o braço da dobradiça do fecho automático saiu do lugar.

Deixo cair de imediato o saco no chão. O som das tabuletas ao bater no chão de cimento e ao deslizar para fora provoca uma explosão de sons. Quando alcanço a maçaneta, esta gira, mas a porta não se mexe nem um centímetro. O pânico domina o meu subconsciente, mas tento recalculá-lo enquanto puxo de novo a porta com toda a minha força. *Não se mexe.*

— *Porra!* — culpabilizo-me — *Porra, porra, porra!* — Respiro fundo e abano a cabeça com frustração. Tenho tanto para fazer antes de o leilão começar. E, claro, não tenho o telemóvel comigo para chamar o Dane e ele me tirar daqui.

Quando fecho os olhos, a minha adversária, de repente, faz a sua jogada. Os dedos compridos e devoradores da claustrofobia começam lentamente a subir a pulso pelo meu corpo e enredam-se em volta da minha garganta.

Apertando. Atormentando. Estrangulando.

As paredes da sala pequena parecem, gradualmente, aproximarem-se, acercando-se de mim; envolvendo-me; sufocando-me. Debato-me com a respiração.

O meu coração bate erraticamente enquanto tento controlar a subida do pânico na minha garganta. A minha respiração — superficial e rápida — ecoa nos ouvidos; consumindo-me; suprimindo a minha capacidade de controlar as minhas memórias assombradas.

Bato na porta com o medo a dominar o pouco controlo que ainda tenho sob o meu corpo. Na realidade, um rio de suor pinga pelas minhas costas abaixo. As paredes continuam a aproximar-se. A minha necessidade de fugir é a única coisa na qual me consigo focar. Bato de novo na porta, gritando freneticamente, na esperança de que alguém que vagueie pelos corredores secundários me consiga ouvir.

Encosto-me contra a parede, fecho os olhos e tento recobrar o fôlego; não está a voltar suficientemente rápido e as tonturas veem à superfície. Fico enjoada, começo a deslizar pela parede e acidentalmente acerto no interruptor da luz. Estou submersa numa escuridão negra. Grito, procurando desenfreadamente pelo interruptor com as mãos a tremer. Ligo-o, aliviada por ter empurrado os monstros de novo para o seu esconderijo.

Mas quando olho para baixo, as minhas mãos estão cobertas de sangue. Pestanejo para tentar controlar o meu devaneio. Estou num sítio diferente. Numa altura diferente.

Em meu redor, cheiro o odor ácido da destruição; do desespero; da morte.

Nos meus ouvidos, a respiração dele em agonia é torturante. Ele arfa. Morre.

Sinto a dor intensa e violenta que se entrelaça tão fundo na minha alma, temo que nunca seja possível fugir; temo a morte. Os meus gritos despertam-me para longe das memórias e estou tão desorientada que não tenho a certeza se são do passado ou do presente.

*Controla-te, Rylee!* Limpo as lágrimas do rosto com as costas da mão e lembro-me do último ano de terapia para tentar manter a claustrofobia bem longe. Concentro-me numa marca na parede à minha frente, tentando regular a respiração, e conto lentamente. Concentro-me em empurrar as paredes e as memórias insuportáveis para longe.

Conto até dez, recuperando um pouco a compostura, mas ainda assim o desespero agarra-se a mim. Sei que o Dane virá à minha procura em breve. Ele sabe onde fui, mas o pensamento não faz nada para aliviar o pânico que me assola.

Por fim, rendo-me à necessidade intensa de fugir e começo a bater na porta com os punhos; gritando violentamente; praguejando esporadicamente; suplicando que alguém me oiça e abra a porta. *Que alguém me salve de novo.*

No meu estado de espírito esfarrapado, os segundos parecem minutos e os minutos parecem horas. E sinto-me como se estivesse fechada neste armário em perpétua contração desde sempre. Sentindo-me derrotada, grito mais uma vez e pouso os antebraços na porta à minha frente. Com o peso apoiado nos antebraços, descanso

a cabeça neles e rendo-me às lágrimas. Soluços grandes e irregulares trespassam-me violentamente.

E, de repente, tenho a sensação de que estou a cair.

Caio para a frente enquanto vou contra o corpo compacto de um homem no meu caminho. Os meus braços cercam um tronco firme enquanto as minhas pernas estão caídas, desajeitadamente, por detrás de mim. O homem instintivamente levanta os braços e envolve-os em mim, apanhando-me, suportando o meu peso e absorvendo o meu impacto.

Olho para cima, rapidamente registando o denso cabelo escuro espetado irregularmente, a pele bronzeada, a sombra ligeira de barba por fazer e, depois, encontro os olhos dele. Um choque de eletricidade — quase uma energia palpável — crepita quando encontro aquelas íris verdes, translúcidas e circunspectas. A surpresa trespassa-os por breves instantes, mas a intriga e a intensidade com as quais me observa são desconcertantes, apesar da reação imediata do meu corpo a ele. As necessidades e os desejos há muito esquecidos inundam-me com este encontro simples e único de olhares.

Como é que este homem que nunca conheci me consegue fazer esquecer o pânico e o desespero que senti há instantes?

Cometo o erro de desviar o olhar e de contemplar a boca dele. Lábios esculpido e carnudos contraem-se enquanto me estuda atentamente e, depois, muito vagorosamente, abrem-se num sorriso malandro e assimétrico.

*Oh! Como quero aquela boca em mim* — em qualquer lado e em todos os lados ao mesmo tempo. O que raio estarei a pensar? Este homem joga noutro campeonato; a anos-luz do meu campeonato.

Levanto de novo o meu olhar e vejo divertimento, como se soubesse o que estou a pensar. Consigo sentir um rubor a espalhar-se lentamente pelo meu rosto pela vergonha, tanto pela minha aflição como pelos apontamentos de pensamentos lascivos no meu cérebro. Aperto a mão em volta dos bíceps ao baixar o olhar para evitar os olhos aliados dele e tento recuperar a compostura. Puxando os pés para me levantar, tropeço acidentalmente ainda mais para cima dele, o meu equilíbrio comprometido pela minha inexperiência com saltos tão altos. Pulo para trás quando os meus seios roçam contra o seu peito

firme, deixando as extremidades dos nervos a arder. Pequenas detonações de desejo fazem comichão nas entranhas do meu ventre.

— Ah... Hum... Peço imensa desculpa! — Levanto as mãos num pedido de desculpas envergonhado. O homem é ainda mais encantador agora que consigo absorver todo o seu comprimento; imperfeitamente perfeito e sexy como tudo, com um sorriso pretensioso sugerindo arrogância e um ar que transborda sarilhos.

Arqueia uma sobrelanceira ao reparar na minha inspeção pormenorizada do seu corpo.

— Ora essa. Não é preciso pedir desculpa — responde ele num tom áspero, mas polido, com apenas uma pitada de provocação. A voz dele evoca imagens de desobediência e sexo. — Estou habituado a que as mulheres caíam aos meus pés.

A minha cabeça estala. Só posso esperar que ele esteja a brincar, mas a expressão enigmática dele não deixa transparecer nada. Ele observa a minha resposta, com estupefação nos olhos e aquele sorriso de convencido cada vez mais rasgado, causando a acentuação de uma única covinha no maxilar definido.

Apesar de ter dado um passo para trás, *ainda estou perto dele*. Demasiado perto para me conseguir dominar, mas perto o suficiente para sentir a respiração dele na minha face; para cheirar o odor nítido de sabonete, misturado com o cheiro subtil a água-de-colónia masculina.

— Obrigada. Obrigada — respondi sem fôlego. Vejo o músculo pulsar no maxilar contraído enquanto me observa. Porque é que este homem me está a pôr nervosa e a fazer sentir-me como se tivesse de justificar esta situação? — A porta fechou-se atrás de mim. Bloqueou. Eu entrei em pânico.

— Sente-se bem? Senhora...?

A minha resposta vacila quando a mão dele segura a parte de trás do meu pescoço, puxando-me para si e segurando-me. Com a mão livre esfrega o meu braço nu, no que assumo que seja uma tentativa de se certificar que não estou ferida. O meu corpo regista o rasto de faíscas que os dedos dele deixam na minha carne nua enquanto a minha mente ganha uma consciência intensa de que a boca sensual dele está apenas a um suspiro de distância da minha. Os meus lábios entream-se e fico sem fôlego enquanto ele move a mão pela linha do meu

pescoço e usa as costas para passar os nós dos dedos suavemente pela minha face.

Não tenho tempo para registrar a confusão misturada com uma forte dose de desejo que explode por mim quando o oiço murmurar «*Que se lixe!*» momentos antes de a boca dele tocar na minha. Arfo em puro choque, os meus lábios abrindo-se numa fração de segundos, enquanto a boca dele absorve o som, dando-lhe acesso para passar a língua dele por cima dos meus lábios e precipitar-se lentamente entre eles.

Empurro as minhas mãos contra o peito dele, tentando resistir ao beijo não solicitado deste estranho; tentando obedecer ao que a lógica me diz que é certo; tentando negar o que o meu corpo me diz que quer: abandonar a inibição e deixar-me desfrutar deste momento com ele.

O senso comum vence o desentendimento interno entre o desejo e a prudência e consigo empurrá-lo para trás um bocadinho. A boca dele afasta-se da minha, as nossas respirações arquejando sob os rostos um do outro. Os olhos dele, selváticos de desejo, mantêm-se fixos nos meus. É difícil ignorar a semente de desejo que floresce fundo no meu ventre. O protesto veemente que grita na minha mente morre silenciosamente nos lábios ao sucumbir perante a noção de que *quero* este beijo; quero *sentir* o que me foi desprovido — o que intencionalmente me neguei; quero agir imprudentemente e ter «aquele beijo» — aquele acerca do qual se escreve nos livros, no qual se encontra o amor e se perde a virtude.

— Decide-te, minha querida — ordena ele. — Um homem apenas consegue resistir até a um certo ponto.

O aviso dele, a noção louca de que *euzinha* posso fazer com que um homem *como ele* possa perder o controlo, desorienta-me de tal forma, confundindo os meus pensamentos, que a negação nunca sai dos meus lábios. Ele aproveita o silêncio e, com um sorriso lascivo rasgado, aperta a mão que tem na minha nuca. No espaço de uma inspiração, esmaga a boca dele na minha; sondando; saboreando; exigindo.

A minha resistência é fútil e dura apenas segundos antes de me render. Movo instintivamente as minhas mãos pelo maxilar por barbear dele até à nuca e puxo com força o cabelo dele que se enrola por



cima do colarinho. Um gemido profundo sai do fundo da garganta dele, reforçando a minha confiança, permitindo-me abrir os lábios e tomá-lo ainda mais. A minha língua entrelaça-se e dança intimamente com a dele. Um ballet lento e sedutor destacado por gemidos aspirados e sussurros ofegantes.

Ele sabe a uísque. A confiança dele exala insubordinação. O corpo dele evoca um murro direto de desejo no meu sexo. Uma combinação forte que sugere que ele é um «*bad boy*» de quem esta rapariga bem comportada se devia manter longe. Imagens trespassam a minha mente, de sexo que leva a apertar os lençóis, de pernas no ar e costas arqueadas que, sem dúvida, seriam tão incapacitantes como o beijo dele.

Apesar da minha submissão, sei que isto é errado. Consigo ouvir a minha consciência a dizer-me para parar; que não preciso *destas* coisas; que não sou *esse* tipo de rapariga; que, a cada carícia, estou a trair o Max.

*Mas meu Deus, isto sabe incrivelmente bem.* Enterro toda a racionalidade sob o desejo crescente que assola todos os meus nervos; todas as minhas inspirações.

Os dedos dele massajam a minha nuca enquanto a outra mão viaja até à minha anca, despertando faíscas a cada toque. Estende a mão no fundo das minhas costas e pressiona-me contra ele. Consigo sentir a ereção dele a engrossar contra o meu ventre, enviando uma carga elétrica até às minhas virilhas, fazendo-me humedecer com necessidade e desejo. A perna dele move-se ligeiramente e faz pressão entre as minhas, adicionando tensão ao ápice das minhas coxas e criando uma dor intensa de prazer. Empurro-me ainda mais contra ele, choramingando suavemente, ansiando mais.

Estou a afogar-me na sensação de prazer e, ainda assim, não me quero afastar para respirar o ar de que preciso tão desesperadamente.

Morde o meu lábio inferior enquanto as mãos movem-se massajando as minhas costas, fazendo com que o desejo suba em espiral por mim. As minhas unhas arranham a nuca dele, reivindicando aquilo a que tenho direito.

— Fogo, quero-te agora — a voz rouca dele arfa entre beijos, intensificando a dor nos músculos que serpenteiam abaixo da cintura.

Move a mão que estava na nuca e rasteja, para baixo, pelas costas e depois para a frente, até agarrar no meu seio. Solto um gemido suave pela sensação dos dedos dele a esfregarem por cima do meu mamilo entumecido através do material suave do vestido.

O meu corpo está pronto para aceder ao pedido dele, porque também quero este homem; quero sentir o peso dele em cima de mim, a pele dele nua a deslizar na minha e imagino-o em toda a sua grandeza, a mover-se ritmicamente dentro de mim.

Os nossos corpos emaranhados chocam com o pequeno recanto da entrada. Pressiona-me contra a parede, os nossos corpos agarram-se, tateiam-se e saboreiam-se freneticamente. Tateia ao de leve com a mão até à bainha do meu vestido de cerimónia, encontrando um ponto de apoio quando toca na extremidade de renda das meias de liga.

— *Oh, meu Deus!* — murmura ele contra a minha boca ao passar a mão a um ritmo dolorosamente lento pela parte externa da minha coxa até ao pequeno triângulo de renda que faz mais as vezes de decoração do que de cuecas.

*O quê? Aquelas palavras.* Quando, por fim, as registei, recuei e empurrei o peito dele tentando afastá-lo de mim. Aquelas eram as mesmas palavras que ouvira antes, no recanto escuro. Apoderaram-se de mim como água fria para a minha libido. *O quê? E que raio é que estou a fazer de qualquer forma, a seduzir um homem que não conheço de lado nenhum?* E, mais importante do que isto tudo, porquê escolher fazer isto enquanto estou no meio de um dos eventos mais importantes do ano?

— Não. Não. Não posso fazer isto. — Cambaleando para trás, levo uma mão trémula à boca para tapar os lábios inchados. Os seus olhos vão ao encontro dos meus, a cor esmeralda escurecida pelo desejo. A raiva passa por eles fugazmente.

— É um pouco tarde, querida. Parece que já o fizeste.

A raiva trespassa-me com o comentário mordaz dele. Sou suficientemente inteligente para perceber que passei a ser apenas mais uma de uma série de conquistas da noite. Devolvo-lhe o olhar desafiante e o olhar presunçoso na cara dele faz-me querer arremessar-lhe insultos.

— Mas quem é que pensa que és? A tocar-me assim? A aproveitares-te de mim desta maneira? — Cuspi-lhe para cima, com a raiva que

tinha contida pela mágoa que sentia. Não sei se estou mais chateada comigo, pela minha submissão espontânea, ou com ele, pelo facto de se aproveitar de mim no meu estado exaltado. Ou será que é porque sinto vergonha por ter cedido ao seu beijo enlouquecedor e aos seus dedos experientes, sem sequer saber o nome dele?

Continua a observar-me com a raiva a ferver em lume brando e os olhos a reluzir.

— Ai é? — ridicularizando-me, vira a cabeça para o lado e esfrega o sorriso condescendente. Consigo ouvir o raspar da barba por fazer enquanto a mão a fricciona. — É assim que vais abordar isto? Não estavas a participar mesmo agora? Não te estavas a desfazer nos meus braços? — Ri com sarcasmo. — Não enganes o teu ego empertigado, pensando que não gostaste. E que não queres mais.

Dá um passo em frente em direção a mim; divertimento e algo mais obscuro inflamam-lhe as profundezas dos olhos. Levantando a mão, passa com um dedo pela linha do meu maxilar. Apesar de me encoller, o calor do toque volta a inflamar o desejo profundo e ardente no meu ventre. Repreendo silenciosamente o meu corpo pela sua traição.

— Vamos esclarecer uma coisa. — Rosna ele para mim. — Eu não tiro o que não me é oferecido. E ambos sabemos, *querida*, que ofereceste. — Mostra um sorriso forçado. — *De bom grado*.

Afasto repentinamente o meu queixo dos dedos dele, desejando ser uma daquelas pessoas que consegue dizer todas as coisas certas na altura certa. Mas não sou. Em vez disso, lembro-me delas horas depois e desejo somente tê-las dito. Sei que o vou fazer mais tarde, porque não me lembro de uma única coisa para contra-argumentar com este homem presunçoso mas, ainda assim, completamente certo. Reduziu-me a uma massa de nervos sobre-excitada, desejando que ele me toque de novo.

— Essa treta indefensável e fraca pode funcionar com o teu namorado que te trata como um bibelot numa prateleira, frágil e agradável à vista. Raramente usado... — encolhe os ombros — mas admite, querida, é enfadonho.

— Meu amigo — gaguejei eu —, frágil é que eu não sou!

— A sério!? — exclama ele, alcançando o meu queixo para o colocar no sítio enquanto me olha nos olhos. — Ages como tal.

— Vá-se lixar! — Afasto o meu queixo da mão dele.

— Ah! Ah! És refilona tu. — O sorriso arrogante dele é irritante. — *Gosto de refilonas, querida.* Só me faz querer-te mais.

*Idiota!* Estava prestes a dar uma resposta sobre ele ser um mulhengo; contar-lhe que sabia do «encontro» dele com outra pessoa no fundo do corredor, há não muito tempo, antes de ter ido ao meu encontro. Fito-o nos olhos, e um pensamento ressoa no fundo da minha cabeça: ele faz-me lembrar alguém. Mas ponho esse pensamento de lado. Estou irritada, é só isso.

Estou prestes a abrir a boca, quando oiço a voz do Dane a chamar por mim. Encho-me de alívio quando me viro e vejo-o ao fundo do corredor, a olhar para mim curioso; muito provavelmente perplexo pelo meu ar desgrenhado.

— Rylee? Preciso mesmo dessas listas. Encontraste-as?

— Distraí-me — murmurei. Espreito o Sr. Arrogante por cima do ombro. — Estou a ir. Espera por mim, OK?

Dane acena-me que sim com a cabeça enquanto me volto para a porta aberta do armário e apanho rapidamente as tabuletas para o leilão espalhadas pelo chão, o mais elegantemente possível, e empurro-as para dentro do saco. Saio da despensa e evito os olhos *dele* ao dirigir-me para o Dane. Respiro silenciosamente, feliz por ir ao encontro de um terreno mais familiar, quando oiço a voz dele atrás de mim.

— Esta conversa ainda não acabou, *Rylee.*

— Muito pelo contrário, *Ás.* — Empino o nariz, a ideia de quão perfeito é aquele nome para ele passa-me pela cabeça antes de avançar apressadamente pelo corredor, mantendo os ombros direitos e a cabeça erguida numa tentativa de manter o meu orgulho intacto.

Aproximo-me rapidamente de Dane, o meu melhor amigo e confidente. A preocupação marca o seu rosto de miúdo enquanto lhe dou o braço, rebocando-o em direção à festa. Assim que passamos a porta dos bastidores, exalo o fôlego que não sabia que sustinha e encosto-me à parede.

— Que raio te aconteceu, Rylee? Pareces um farrapo sensual! — Os olhos dele varriam-me de cima a baixo. — Tem alguma coisa a ver com aquele Adónis?

*Tem tudo a ver com o Adónis*, quero desabafar, mas por alguma razão, hesito.

— Não te rias — disse, olhando para ele com cautela. — A porta do armário fechou e fiquei presa lá dentro.

Reprime uma risada e olha para o teto para a conter.

— Isso só poderia acontecer contigo.

Empurro o ombro dele na brincadeira.

— Mesmo? Não tem graça. Entrei em pânico. Claustrofobia. As luzes apagaram-se e lembrei-me do acidente. — Os olhos dele mostraram rapidamente preocupação. — Passei-me completamente e aquele tipo ouviu-me a gritar e abriu a porta. Só isso.

— Só isso? — pergunta ele, arqueando o sobrolho como se não acreditasse em mim.

Aceno que sim.

— Sim, passei-me apenas por um minuto. — Detesto mentir-lhe, mas, por agora, esta é a melhor medida a tomar. Quanto mais inflexível for, mais rapidamente ele muda de assunto.

— *Oh, que pena*, ele é um borracho. — Solto uma gargalhada enquanto ele passa o braço à minha volta num abraço rápido. — Vá. Vai arranjar-te. Respira fundo. Depois, precisamos que voltes para muita bajulação e tagarelice. Estamos a 30 minutos do início do leilão.

\*\*\*

Olho-me fixamente ao espelho da casa de banho. O Dane tem razão. Estou com um péssimo aspeto. Estraguei o penteado e a maquilhagem que a Haddie, a minha colega de casa, ajudou a aperfeiçoar. Com um lenço de papel tento absorver a maquilhagem para esconder os estragos. As lágrimas deixaram os olhos de ametista com bordas vermelhas e nem preciso de me perguntar por que razão o meu batom não contorna perfeitamente os meus lábios. Mechas de cabelo cor de avelã caem do gancho e a bainha do vestido está terrivelmente torta.

Consigno ouvir o som do baixo abafado que vem da música que toca do outro lado da parede. É música de fundo para as centenas de vozes — potenciais doadores. Respiro fundo e encosto-me ao lavatório por um instante.

Consigno ver por que razão o Dane me interrogou sobre o que realmente aconteceu e se o *Sr. Arrogante* tinha alguma coisa a ver com o assunto. Estou completamente desgrenhada!

Ajusto o vestido de maneira a que o meu decote em forma de coração e as minhas *meninas* se encaixem devidamente. Passo as mãos por cima das ancas onde o tecido se agarrou às minhas curvas. Começo a pôr as madeixas de cabelo que caíram no gancho e paro. Voltaram ao seu estado encaracolado natural e decido que gosto do efeito harmonioso dos caracóis no seu todo.

Alcanço a mala, que o Dane me devolvera, e retoco a maquilhagem. Adiciono rímel às minhas pestanas naturalmente grossas e volto a colocar *eyeliner* esfumado. Os olhos estão melhores. Não estão perfeitos — mas estão melhores. Franzo os lábios, passando o batom pela sua forma carnuda em M, esfrego-os um no outro e, depois, absorvo o excesso com um lenço.

Não tão perfeito como se tivesse sido a Haddie, mas perfeito o suficiente. Estou pronta para regressar às festividades.

## CAPÍTULO 2

As joias, os vestidos de marca e a referência a nomes de famosos dominam o velho teatro cheio de celebridades, convidados VIP e filantropos. Esta noite é o culminar de muitos dos meus esforços do último ano — um evento para angariar a maioria dos fundos necessários para arrancar com as obras nas novas instalações.

Estou muito longe da minha zona de conforto.

Dane revira os olhos discretamente na minha direção do outro lado da sala; ele bem sabe que eu preferia estar na Casa, com os miúdos, de calças de ganga e com o cabelo num rabo-de-cavalo. Com um sorriso leve aceno com a cabeça, antes de bebericar o champanhe.

Ainda estou a tentar perceber aquilo que deixei voluntariamente que acontecesse nos bastidores, e a tentar lidar com a ferroadada de saber que não tinha sido a primeira pessoa com quem o Sr. Arrogante tinha feito avanços. Estou pasmada com as minhas ações pouco típicas, e confusa com a mágoa que sinto. Com certeza que não espero que um homem que procura uma breve brincadeira tenha qualquer outra intenção que não a de fortalecer o seu ego, já bastante inflamado.

— Aqui estás tu, Rylee — uma voz interrompe os meus pensamentos.

Viro-me e deparo-me com o meu chefe — um homem forte, com perto de dois metros de altura, e com um coração maior do que qualquer outra pessoa que alguma vez conheci. Apropriadamente faz-me lembrar um grande urso de peluche.

— Teddy — digo, de forma carinhosa, enquanto me encosto ao braço que colocou nos meus ombros para me abraçar —, parece que está a correr bem, não achas?

— Graças ao teu esforço. Pelo que oiço, os cheques não param de entrar. — O sorriso dele faz com que as sobranceiras se agitem. — E o leilão ainda nem começou.

— Lá por ser uma boa forma de angariar dinheiro não quer dizer que a aprove — admito relutantemente, tentando não soar moralista. É um debate que tivemos inúmeras vezes nos últimos meses. Apesar de ser para caridade, não compreendo por que razão as mulheres se disponibilizam para se venderem ao maior licitante. Não consigo deixar de pensar que os licitantes vão querer mais do que apenas um jantar em troca de uma licitação que começa nos 10 mil dólares.

— Não é como se tivéssemos um bordel, Rylee — lembra Teddy. Olha por cima do meu ombro direito quando um convidado lhe chama a atenção. — Ah! Estou a ver uma pessoa que gostava que tu conhecesse. Esta é uma causa muito querida para ele. É filho de uma das nossas presidentes que... — interrompeu a explicação já que o estranho se aproximava — Donavan! Que bom vê-lo — diz animado ao apertar-lhe a mão atrás de mim.

Viro-me, disponível e cheia de boa vontade para ser apresentada a um desconhecido, mas, em vez disso, encontro os olhos perplexos do Sr. Arrogante.

*Não estou a perceber!* Como é que mesmo com vinte e seis anos, sinto-me, de repente, como se fosse uma adolescente desajeitada? A meia hora que passou não fez nada para abafar a boa aparência abradadora dele, nem a atração proibida que tem na minha libido. A estrutura de dois metros está emoldurada por um smoking preto perfeito, e o meu conhecimento de que por baixo do casaco está um tronco claramente musculado faz-me morder o meu lábio inferior com uma necessidade indesejada. E, ainda assim, apesar do seu magnetismo, sinto-me furiosa.

Tenho de novo a sensação de que ele me parece familiar, de como me faz lembrar alguém que conheço, mas o choque de o ver de novo sobrepõe-se a esse pensamento.

Sorri para mim com um ar irónico, o contentamento dele é óbvio, e só consigo pensar em como aqueles lábios se colaram aos meus; como os dedos dele, agora a segurar um copo de vidro, souberam bem ao viajar pela minha pele nua; e o peso do corpo dele pressionado contra o meu.



E como se tinha desregradamente *dado a conhecer* a outra mulher momentos antes de estar comigo.

Com um sorriso falso no rosto, lanço um olhar furioso na direção de Donavan, enquanto o Teddy, desconhecendo o que se passava, se dirige a mim.

— Aqui está uma pessoa que gostaria que conhecesse. É a força motriz por detrás desta noite. — Teddy vira-se para mim, colocando a mão nas minhas costas. — Rylee Thomas, apresento-te...

— Já nos conhecemos — disse, interrompendo-o, com mel a fluir das minhas palavras enquanto olho para os dois. Teddy olha para mim com estranheza; é raro ser falsa. — Ainda assim, obrigada pela apresentação — continuo, desviando o olhar do Teddy para o Donavan, avançando para apertar a mão dele como se fosse apenas mais um potencial benfeitor.

Tirando os olhos de mim e do meu comportamento anormal, Teddy foca-se de novo no Sr. Arrogante.

— Está a divertir-se?

— Tremendamente — afirma, libertando o já demasiado longo aperto da minha mão. Tenho de me conter para não resmungar com ironia. Como é que não se poderia estar a divertir? *Arrogante*. Talvez devesse subir ao palco e fazer uma sondagem junto das mulheres aqui presentes para ver quantas é que ainda não tinha seduzido.

— Já teve a oportunidade de provar a comida? A Rylee conseguiu que um dos *chefs* mais solicitados de Hollywood doasse os seus serviços — explica Teddy, tentando ser sempre o anfitrião perfeito.

Donavan olha para mim com humor e enruga os cantos dos olhos.

— Consegui provar uma coisinha enquanto passeava pelos bastidores. — Contive a respiração, percebendo a indireta enquanto ele desvia o olhar de novo para Teddy. — Foi bastante inesperado, mas muito refinado — murmura. — Obrigado.

Ouvi alguém a chamar pelo nome de Teddy e ele olha de novo para mim antes de pedir desculpa por ter de se ausentar.

— Se me dão licença, sou preciso noutra sítio — e vira-se para Donavan —, foi um prazer vê-lo de novo. Obrigado por ter vindo.

Ambos acenamos que sim com a cabeça enquanto Teddy se afasta. Mal-humorada, viro-me para me afastar de Donavan. Quero apagá-lo a ele e à memória dele desta noite.

A mão dele apressadamente fecha-se por cima do meu braço nu, puxando-me com força de maneira que as minhas costas se encostam contra a sua longa e dura ereção. Sustenho a respiração em resposta. Olho à nossa volta, feliz por toda a gente parecer tão absorvida nas suas próprias conversas para lhes chamarmos a atenção.

Consigo sentir o pequeno atrito do queixo dele contra o meu ombro enquanto a boca dele se aproxima da minha orelha.

— Porque está tão irritada, Sr.<sup>a</sup> Thomas? — Há uma frieza na voz dele que me avisa que ele não é um homem com que se brinque. — É porque não consegues largar os teus costumes elitistas e admitir que, apesar do que a tua cabeça diz, o teu corpo quer mais deste rebelde? — Solta um rosar baixo e condescendente no meu ouvido. — Ou tens tanta prática em ser frígida que te privas sempre do que queres? Do que precisas? *O que sentes?*

Indigno-me, tento sem êxito tirar o braço do punho firme dele. Que lobo em pele de cordeiro! Congelo enquanto outro casal passa por nós, observando-nos de perto a tentar perceber o que se passava entre nós. Donavan liberta-me o braço e esfrega a mão por cima do mesmo, dando a impressão de intimidade. E, apesar da minha raiva, ou talvez por causa dela, o toque dele aciona uma miríade de sensações em todos os centímetros por onde os dedos dele passam. Depois, chegam os arrepios.

Consigo sentir a respiração dele a remexer de novo a minha face.

— É muito excitante saber que és *tão sensível* ao meu toque. Muito intoxicante — sussurra ao passar um dedo pelas minhas costas nuas. — Sabes que queres explorar a razão pela qual o teu corpo reage assim a mim, não sabes? Achas que não reparei na forma como me despiste com os olhos, a pensar em comeres-me com a boca?

Arquejo quando põe a mão no meu ventre e me puxa contra ele de maneira a sentir a prova da excitação dele contra o fundo das minhas costas.

Apesar da minha raiva, é uma sensação poderosa saber que consigo fazer este homem reagir desta forma. Mas, ainda assim, ele

provavelmente reage assim a inúmeras mulheres que, sem dúvida, atiram-se aos pés dele dia sim, dia não.

— Tens sorte de não te arrastar para o armazém onde te encontrei, possuir o que me ofereceste, fazer-te gritar o meu nome. — Morde suavemente a minha orelha e tenho de abafar um gemido incontroável de desejo que ameaça escapar. — Comer-te e tirar-te do sistema. E, depois, partir para outra — termina ele.

Nunca ninguém alguma vez me falou assim — nem nunca alguma vez pensei que seria possível deixar que alguém me falasse assim —, mas as palavras dele, e o vigor com que ele as profere, excitaram-me inesperadamente.

Estou furiosa com o meu corpo por esta reação inesperada a este homem empolado. Obviamente que sabe a reação que consegue ter no corpo de uma mulher e, infelizmente, esse corpo é o meu neste momento.

Viro-me lentamente para o enfrentar e semicerro os olhos. A minha voz é fria como o gelo.

— É presunçoso, não é? Sem dúvida que a sua tática normal é comer e deitar fora. — Os olhos dele arregalam-se, em resposta à minha vulgaridade inesperada. Ou simplesmente ficou surpreendido por o ter percebido tão rapidamente. Mantenho o olhar fixo nele, com o corpo a vibrar de raiva. — Quantas mulheres tentou seduzir esta noite? — Levanto as sobrancelhas com repulsa quando vejo culpa a passar brevemente pelo rosto dele. — O quê? Acha que não sabia o que aconteceu entre si e a sua primeira conquista da noite na escuridão dos bastidores? — Os olhos de Donovan faiscavam. Continuei, a desfrutar do olhar surpreendido no rosto dele. — O quê? Ela fez o mesmo joguinho e deixou-o a pedir por mais? Desejoso por provar que é muito *homem* já que não a conseguiu satisfazer? Tão desejoso que escolhe uma mulher desesperada presa dentro de um armário para se aproveitar? Agora a sério: com quantas mulheres hoje já tentou as suas cantilenas? Com quantas já tentou deixar a sua marca?

— Ciumenta, querida? — levanta as sobrancelhas ao sorrir arrogantemente. — Podemos sempre terminar o que começámos e podes marcar-me de todas as formas que desejares.

Empurro suavemente a minha mão contra o peito dele, afastando-o. Adorava tirar aquele sorriso da cara dele. *Deixar a minha marca de todas as formas.*

— Lamento, mas não perco tempo com idiotas misóginos como você. Vá à procura de outra.

— Cuidado, Rylee — alerta, enquanto agarra o meu pulso, com um olhar tão perigoso como a ameaça na sua voz. — Não levo os insultos a bem.

Tento puxar o meu pulso da mão dele, mas não se mexe. À vista de qualquer pessoa na sala parece que tenho a minha mão pousada afetuosamente no coração dele. Não conseguem sentir a força avassaladora da sua mão.

— Então, atenção ao que lhe vou dizer — respondo rudemente, cansada do jogo dele e das minhas emoções beligerantes. — Só me quer porque sou a primeira mulher que diz que não ao seu rosto bonito e corpo convidativo. Está tão habituado a que todas as mulheres caíam aos seus pés, *trocadilho propositado*, que me encara como um desafio, alguém imune ao seu charme, e não sabe muito bem como reagir.

Apesar do encolher de ombros de indiferença, consigo ver a irritação subjacente ao soltar o meu pulso.

— Quando gosto do que vejo, vou atrás — afirma, sem pedir desculpas.

A abanar a cabeça, reviro os olhos.

— Não, tem a necessidade de provar a si mesmo que consegue, na realidade, qualquer miúda que se atravessa no seu caminho. Tem o ego ferido, eu percebo — condescendentemente dou umas pancadinhas no braço dele. — Não se preocupe. Dou-me por derrotada.

Levanta uma sobrancelha e um leve sorriso surge nos lábios. O músculo no maxilar contraído pulsa enquanto me observa momentaneamente.

— Vamos lá esclarecer uma coisa — debruça-se, a milímetros da minha boca, o brilho no olhar avisa-me que fui longe de mais. — Se te quisesse, não só te podia ter como te teria, em qualquer altura e em qualquer lugar, querida.

Bufo da forma menos elegante possível, pasmada com a audácia dele e, ainda assim, a tentar ignorar a aceleração do meu pulso mediante a ideia.

— Não aposte nisso, Ás — zombo enquanto tento contorná-lo rapidamente.

A mão dele salta e agarra de novo o meu braço, voltando-me de novo contra ele, de maneira que fico perto de mais. Consigo ver a pulsação dele na linha por debaixo do maxilar. Consigo sentir o tecido do casaco a roçar no meu braço enquanto o peito sobe e desce. Olho para baixo para a mão dele no meu braço e olho de novo para ele em tom de aviso e, ainda assim, não tira a mão. Ele inclina a cabeça na direção da minha, de maneira que consigo sentir a respiração dele tocar-me ao de leve no rosto. Viro a cabeça para ele, não tendo a certeza se estou a levantar o queixo em tom de desafio ou em antecipação do beijo.

— Para tua sorte, gosto de arriscar, Rylee — a voz ressonante dele é, agora, apenas um murmúrio. — Na verdade gosto de um bom desafio de vez em quando — provoca, com um sorriso malicioso nos cantos dos lábios. Solta o meu braço, mas passa o dedo lentamente até à mão. O toque suave do dedo na minha pele exposta envia-me arrepios pela coluna.

— Por isso, vamos a uma aposta. — Para e acena com a cabeça a um conhecido que passava, trazendo-me de novo ao presente já que me tinha esquecido que estava numa sala cheia de pessoas.

— A sua mãe não lhe ensinou que quando uma senhora diz que não, quer dizer mesmo que não? — Levanto a sobrancelha com um olhar de desdém.

Aquele sorriso bajulador dele volta em pleno ao acenar aprovando o meu comentário.

— Ela também me ensinou que quando quero alguma coisa, devo persegui-la até conseguir.

*Excelente! Ganhaste um perseguidor.* Um perseguidor lindo, sexy e muito irritante.

Avança com a mão e brinca com um caracol meu solto perto do pescoço. Tento manter-me impassível apesar da vontade que tenho de fechar os olhos e entregar-me ao toque suave dos dedos dele pela minha pele. O sorriso dele diz-me que sabe exatamente o efeito que tem em mim.

— Portanto, como disse, Rylee, temos uma aposta?  
 Enfureço-me com a proposta dele, ou talvez com o efeito que tem em mim.

— Isto é parvo...

— Aposto que, até ao fim da noite — corta-me a palavra, levantando a mão para me calar — tenho um encontro marcado contigo.

Dou uma gargalhada sonora, dando um passo atrás.

— É que nem pensar!

Dá um longo trago na bebida com uma expressão cautelosa.

— Tens medo do quê então? Que não me consigas resistir? — Sorri perversamente quando reviro os olhos. — Está combinado, então. O que tens a perder?

— Então, consegues um encontro comigo e o seu ego magoado fica reparado? — Encolho os ombros com indiferença, sem querer participar no jogo. — O que ganho com isso?

— Se ganhares...

— Se conseguir resistir ao seu charme *ofuscante*, quer você dizer — respondo sarcasticamente.

— Deixa-me recomeçar a frase. Se conseguires resistir ao meu charme ofuscante até ao final da noite, faço um donativo. — Acena os dedos no ar num gesto de irrelevância. — Vamos ver, 15 mil dólares para a tua causa.

Sustenho a respiração e olho para ele atordoada porque, esta proposta, eu posso aceitar. Bem sei que não há qualquer hipótese de sucumbir ao Donavan e às suas manobras cativantes, o *arrogante*. É certo que fui levada por uma teia supliciante durante alguns segundos, mas foi apenas porque já se passou tanto tempo desde a última vez que me senti assim; desde que fui beijada assim; desde que fui tocada assim.

Se pensar bem, acho que nunca me fizeram sentir assim. Mas, de qualquer das formas, sei que nenhum homem alguma vez me beijou com os lábios ainda quentes de outra mulher.

Olhei-o com calma a tentar perceber a rasteira. Talvez não houvesse nenhuma. Talvez ele fosse tão emproado que pensasse mesmo que era irresistível. A única coisa que sabia era que ia aumentar o total da contribuição da noite em 15 mil dólares.

— Esta aposta não vai estragar a caça da noite de outras possíveis companheiras de cama? — Parei, observando a sala. — Não parece muito prometedor, tendo em conta que já está a perder por dois esta noite.

— Acho que consigo dar conta do recado. — Ri em voz alta. — Não te preocupes comigo. Sou bom com multitarefas — observa com sarcasmo, tentando ganhar-me no meu próprio jogo. — Além disso, a noite ainda agora começou e, pelas minhas contas, estou a ganhar por uma até agora. O segundo ponto ainda tem de ser apurado. — Arqueia as sobrancelhas na minha direção. — Não penses demasiado no assunto, Rylee. É uma aposta. Simples.

Cruzo os braços por cima do peito. A decisão é fácil. *Tudo para os meus meninos.*

— É melhor preparar o seu livro de cheques. Não há nada de que goste mais do que provar que arrogantes como você estão errados.

Beberica de novo a bebida, nunca largando os meus olhos.

— És muito confiante. Lá isso é verdade.

— Vamos apenas dizer que o meu autocontrolo é algo de que me orgulho.

Donavan avança para mim.

— Autocontrolo, dizes? — murmura ele, com olhos desafiantes. — Parece que já testámos essa teoria, Rylee, e não parece que seja verdade. Mas tenho todo o prazer em testá-la de novo.

Os músculos do meu ventre contraem-se com a promessa da possibilidade, o desejo a arder, suplicando por alívio. Como é que estou a agir como uma miúda que nunca sentiu o toque de um homem antes? *Talvez porque nunca foi o toque deste homem.*

— Muito bem — respondo, avançando com a mão para cumprir a dele. — Temos uma aposta. Mas aviso-o que não perco.

Ele avança para me segurar na mão com um sorriso largo a abrir-lhe as feições e com os olhos verdes e arrojados a reluzir.

— Nem eu, Rylee — murmura ele —, nem eu.

— Rylee, peço desculpa por interromper, mas precisamos de si — oiço uma voz atrás de mim.

Viro-me e encontro a Stella com uma expressão de pânico no rosto. Olho na direção de Donavan:

— Se me permite, precisam de mim. — Sinto-me hesitante sobre o que acrescentar ou fazer.

Ele acena com a cabeça que sim.

— Falamos mais tarde.

Ao afastar-me, apercebo-me de que não sei se a resposta dele é uma ameaça ou uma promessa.



Guiados pelo destino, incitados pelo desejo.  
Embateram no amor numa corrida sem tréguas.



Rylee Thomas sempre teve a sua vida sob controlo.  
Até conhecer um homem que a deixou completamente rendida.  
E descobrir como pode ser tão bom deixar-se dominar...

Num mundo cheio de mulheres fáceis e disponíveis, eu sou um desafio para o soberbo, e incrivelmente belo, Colton Donovan. Um homem habituado a fazer exatamente o que quer em todos os aspetos da sua vida. Ele é o *bad boy* imprudente que pisa constantemente o risco, dentro e fora da pista de corrida.

Colton surgiu na minha vida como um furacão: destruiu a minha sensação de controlo e testou as minhas fraquezas e limites. Ele dilacerou o mundo disciplinado e previsível que eu cuidadosamente reconstruíra.

E, por tudo isso, eu não posso dar-lhe o que ele quer, e ele não pode oferecer-me aquilo de que preciso. Mas como posso virar-lhe as costas depois de ter descoberto que, por entre o fascínio que o rodeia, ele possui uma alma atormentada e esconde os mais negros segredos?

A nossa química é inegável. A nossa necessidade de controlo é irrefutável. Mas quando os nossos mundos colidem, será o desejo o suficiente para nos juntar? Ou será que os segredos que guardamos vão acabar por nos afastar?

«Amámos este livro! Colton é a mistura perfeita de Christian Grey com Gideon Cruz, mas ao volante do mais sexy dos carros de corrida.

A escrita é inteligente, excitante e empolgante. Não vai conseguir parar de o ler e vai ficar a implorar pelo próximo volume da trilogia!»

***BooksbytheGlass***



Espreite o vídeo deste livro no ecrã de um telemóvel.



**TOPSELLER**  
livros que se devoram

20|20 editora

Ficção erótica

ISBN 978-989-8626-49-3



9 789898 626493

[www.topseller.pt](http://www.topseller.pt)